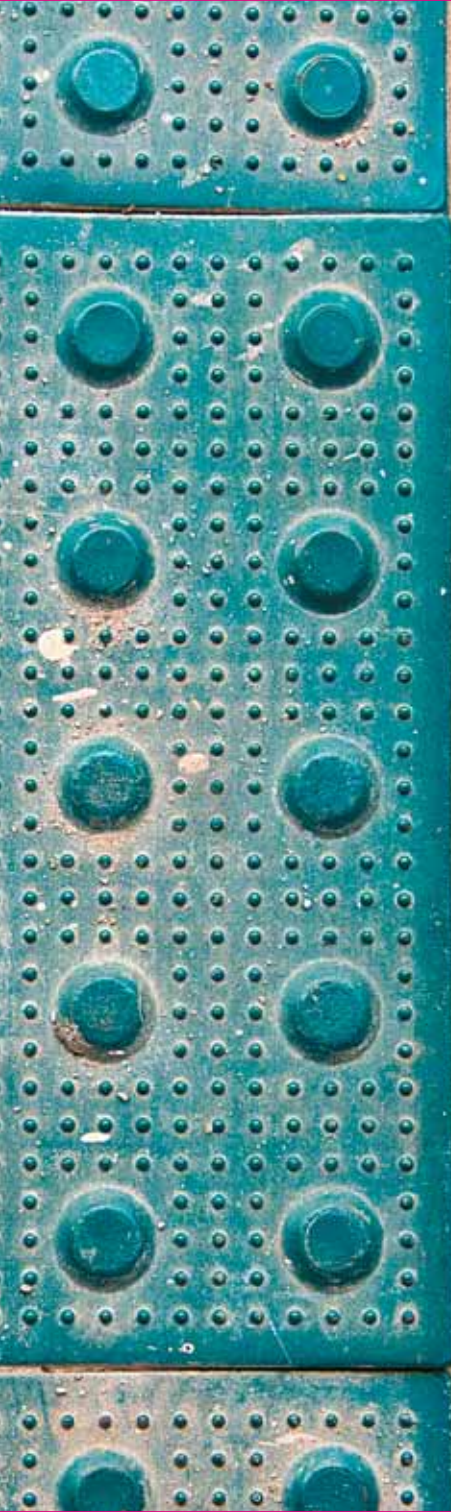
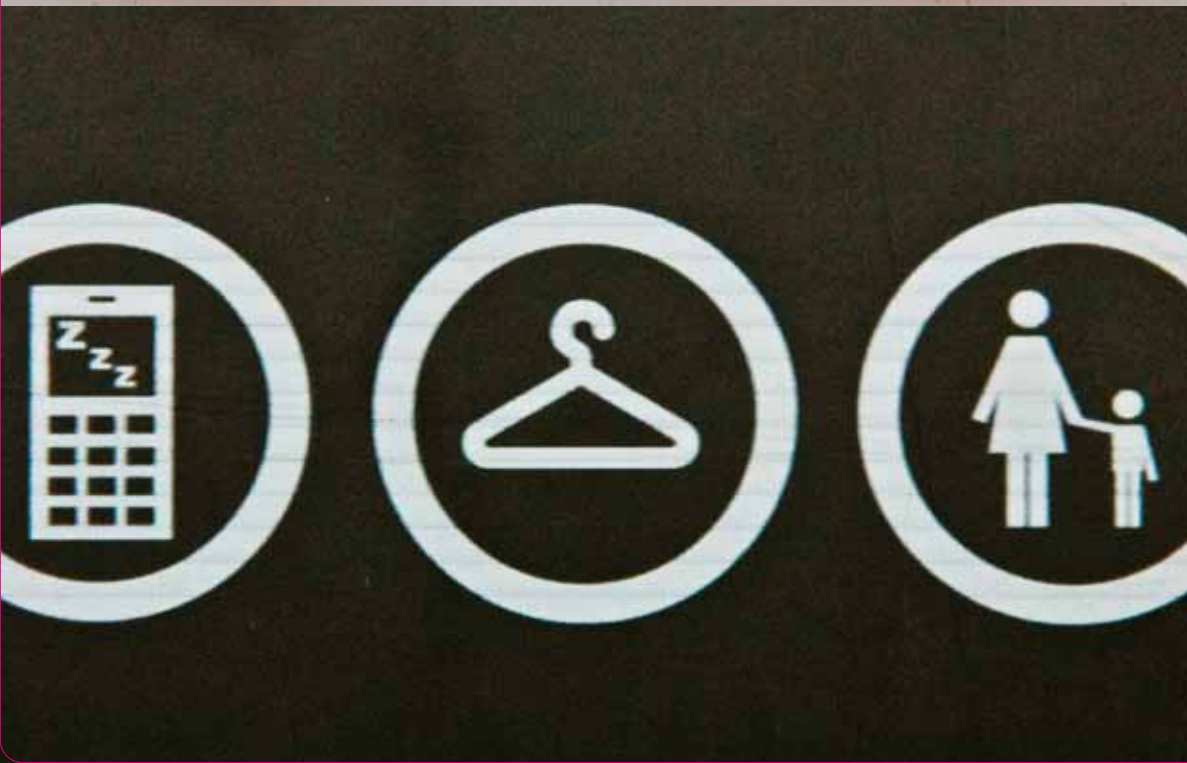
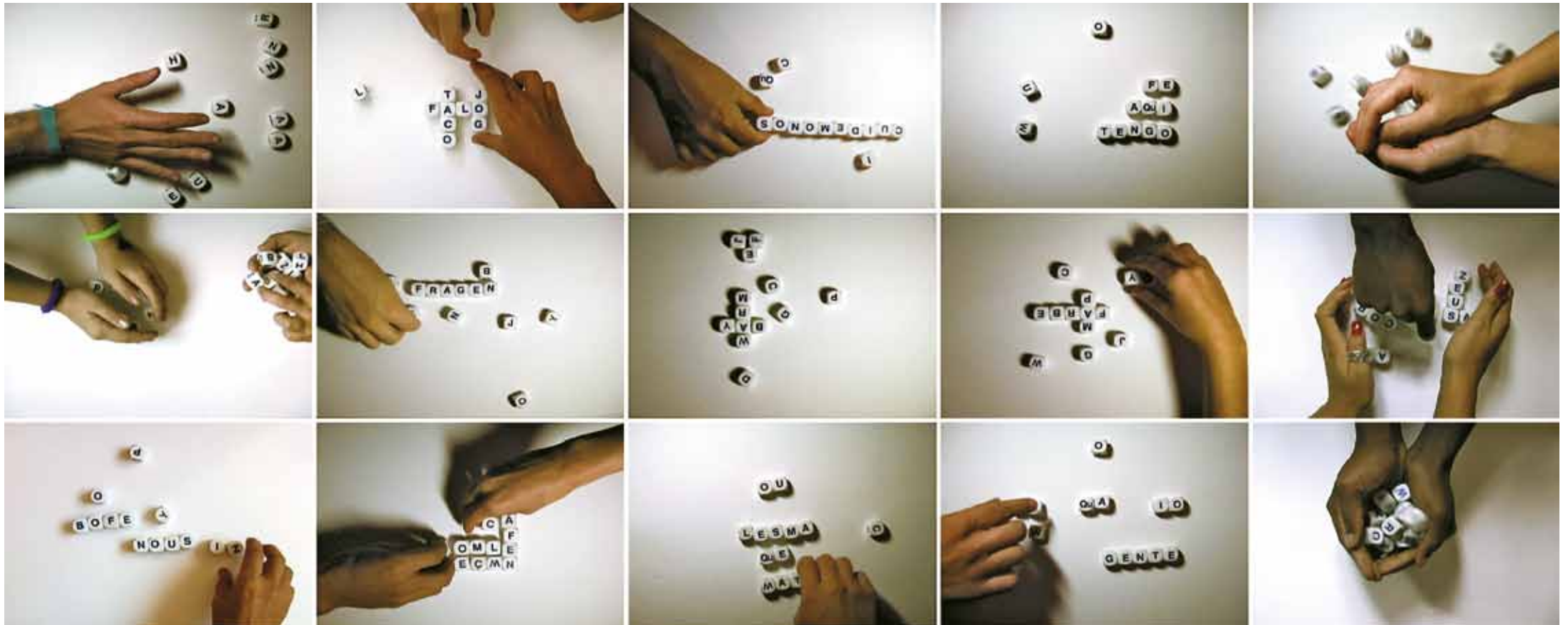


como o
mundo
fala?



Arte também é linguagem?



Nuno Ramos, trecho da obra "Cujo" (1992)
publicado no catálogo da exposição "Nuno
Ramos", realizada pelo Gabinete de Arte
Raquel Arnaud (1991).

Poroso, caudaloso, branco, espumante, em rotação, Maelstrom, bolhas, borbulhante, sem osso, líquido, inosso, coalhada, talhado, espalhado, molhado, silencioso, calado, assustador, redondo, em espiral, movediço, pantanoso, afunda-pé, engole-o-pé, monótono, hipnótico, de uma nota só, aos goles, aos trancos, branco, completamente branco, cíclico, crescente, decrescente, um fole, expansivo, monocórdio, envolvente, gosmento, penetrante, mole, invasivo, ocupa-bolso, caiado, azedo, amargo, intragável, pirão, pegajoso, colado, aderente, indefinido, meio-tom, apagado, sem sentido, sonado, mudo, espantado, submisso, nascente, moribundo, doente, em vias de, chorão, praga, penetra-pulmão, flutua-cabelo, morto, moribundo, lúcido, parado, redondo, cíclico, temporão, alcalino, neutro, sem-nome, diz-o-nome, diga-o-nome, agora, nesta hora, sem sentido, sem final, aspirante, ácido, aos goles, efervescente, bolhas, sem rastro, sem pegadas, anti-zoo, anti-vivo, sem ar, nenhuma bolha, neste momento, sem cor, dourado, concêntrico, lodaçal, sem apoio, para dentro, includente, inclusive, repetente, monótono, sem contorno, expansivo, parentético, sublime, sem partes, nenhuma parte, evolutivo, repetitivo, crescente, repelente, sem número, zero, um, morto, enrijecente, desejante, recessivo, naufragante, bólido, transparente, viscoso, gruta, gutural, lençol, fenda, dourado, 6.8 na escala Richter, emparedado, claustrofóbico, bêbado, câimbra, TILT, sepulta-osso, vasos antigos, parafina, púrpura, céu, roxo, tule, algodão, engole-água, engole-areia, álcool, hora, rombo, afunda-casco, polvo, alga, cabelo, amarelo (a cor mais difícil), podre, evaporante, evanescente, fixo, constante, pesado, ver-o-peso, salva-o-brilho, casco, zê, rajado, estampado, anti-horário, pré-adamita, prévio, preguiça, azulado, escatológico, apocalíptico, trítion, siso, obtuso, ocluso, paralítico, cadavérico, chifre, sem indulto, pô, cola, farinha, página, arauto disso, mar alto, mão boba, duna, tâmara, ânus, aquilo, *aquilo*, farrapo, ipsilon, críptico, indecifrável, estelar, rabugento, pontudo, crente, temente, sem dúvida, peludo, prensado, levedo, fermentado, estufante, almofadado, encadernado, indeciso, o seguinte, cinza, cinzas, giz, blecaute, aplauso, ruído, solo, mangue, suado, esvaziado, prestes, carne, movediço, fronteiroço, antes.

Como você se comunica? Quando queremos dizer algo direta e claramente, organizamos nosso repertório de palavras, expressões e frases para produzir sentidos que esperamos ser bem entendidos por nossos ouvintes ou leitores. Da mesma forma, tentamos decodificar os significados por trás das palavras que ouvimos e lemos. É o que chamamos de discurso verbal, ao qual costumamos estar mais atentos e ao qual é dedicada mais atenção nos programas escolares.

Além do discurso verbal, quais outras formas existem para codificar, transmitir e interpretar mensagens? Todas as vezes que fazemos uma expressão facial, transmitimos medo, desaprovação, nojo, felicidade, satisfação, tristeza e uma série de outros sentimentos. Com o tempo, os gestos podem ganhar significados específicos em nossa cultura: apertar a mão de alguém como gesto amistoso, tirar o chapéu como maneira de demonstrar respeito, bater na porta como meio de anunciar o desejo de entrar em algum lugar, bater palmas para celebrar algo de que gostamos, vaiar para demonstrar reprovação, acenar como meio de estabelecer contato com quem está longe, beijar o rosto como saudação, abraçar como forma de demonstrar afeto... Se pararmos para pensar, estamos nos comunicando o tempo todo, de diversas formas não verbais. →

Como falar sem
usar palavras?

→ Nas ruas, as palavras também dão lugar a outras formas de comunicação: as cores do semáforo, a faixa de pedestres, as sinalizações de banheiro, o código de barras, o aviso de “não fumar”, os sinais de perigo e atenção. São símbolos que aprendemos desde cedo a decodificar. Compreendemos seus significados com a mesma facilidade com que entendemos nossa língua. Muito da comunicação não verbal é universal ou ao menos é utilizada pela maioria da população ocidental. No entanto, a comunicação pode ser incompleta para quem não compartilha dos mesmos códigos: um gesto pode significar algo diferente em outras nações, e pequenas variações na sinalização podem causar confusão.

Se é possível nos comunicarmos não apenas por meio de palavras, mas por sons, gestos e imagens, seriam a música, o teatro, a dança, as artes plásticas e visuais meios de comunicação? ■

O que torna uma forma artística diferente de outra? Muitos teóricos, em especial historiadores da arte e filósofos, buscaram classificar as manifestações artísticas em diferentes campos de atuação. No início, essas divisões se baseavam em especificidades técnicas, isto é, eram centradas na especialização ou capacitação em um conjunto particular de procedimentos e saberes necessário à realização de determinadas obras. Nesse sentido, eram mais *técnicas* artísticas do que propriamente *linguagens* artísticas.

Essas divisões, de modo geral, enfatizavam as distinções entre artes elocutivas e de oratória (eloquência, prosa e poesia), artes plásticas ou **figurativas** (escultura, arquitetura e pintura), jogos de sensações ou artes musicais (música) e dramáticas. Aos poucos, a dança e o cinema passaram a ser listados como modalidades autônomas de produção artística.

A arte moderna, no entanto, desafia essas divisões. Ao abdicar do aspecto técnico como legitimador do ato artístico, os artistas modernos começaram a pensar as artes não como técnicas distintas, mas como campos expressivos. Isso possibilita que se fale na produção pictórica para além do suporte tradicional da pintura ou que se entenda uma proposição espacial como desenho.

As fronteiras entre as artes começam a se tornar mais maleáveis. O corpo como instrumento expressivo passou a não se restringir à dança e ao teatro, e tornou-se objeto de pesquisa das artes plásticas; os aspectos composicionais e tipográficos começam a compor qualidades da poesia; o cinema é apropriado como espaço de experimentação plástica pelas vanguardas etc. Nesse contexto, a versatilidade de um artista e sua capacidade de transitar entre diversas **mídias** começam a ser valorizadas, e a coesão de sua produção passa a ser mais poética do que técnica. →

Quais são as
linguagens da arte?

→ “Existe um vocabulário de elementos, e eu trabalho com ele seguindo certas regras, mas não são regras rígidas, são regras de um jogo, são certas situações que são colocadas e são relacionais. [...] São ocupações possíveis para que um universo possa existir, um universo de formas, de cores etc.”, resume o artista Fábio Miguez.

“O meio é a mensagem”, declara o teórico da comunicação canadense **Marshall McLuhan** (1911-1980), sublinhando que o canal ou meio de comunicação não é apenas um espaço de transmissão, mas constitui e determina o conteúdo expressado. De forma semelhante, as modalidades artísticas não são meros “suportes”, mas campos expressivos, com características próprias.

Atualmente, não há consenso em torno do número de linguagens ou modalidades artísticas, e os limites entre elas são fluidos e incertos. No entanto, é comum que se enumere arquitetura, artes visuais ou plásticas, teatro, dança, literatura (poesia e prosa), cinema, design e artes gráficas, entre outras. As artes visuais são subdivididas nos mais diversos meios expressivos e suportes (escultura, desenho, pintura, gravura, fotografia, arte digital, **performance**, **body art**, instalação, **happening**, intervenção urbana, colagem, *assemblage*, *site specific*, grafite, videoarte, livro de artista, arte postal, *land art* e *earth works*, paisagem sonora etc.), e é comum que as obras se enquadrem simultaneamente em mais de uma dessas categorias. ■

As imagens nunca estiveram totalmente dissociadas das palavras. Aparecem em inscrições nas bases de esculturas, em assinaturas de pintores nas telas, em dados de tiragem de gravuras, em ilustrações de livros, em legendas, em manifestos modernos ou em discursos críticos sobre obras. As imagens convivem intensamente com palavras, ainda que isso nem sempre se dê de forma harmônica.

Será apenas a partir da colagem como modalidade artística, no entanto, que a palavra e a textualidade começam a ocupar papel central na imagem e a serem encaradas como um material plástico. **Pablo Picasso** (1881-1973) incorporava pedaços de jornal entre suas obras, e **Marcel Duchamp** (1887-1968) apropriou-se de uma reprodução da *Monalisa*, de Da Vinci (1452-1519), inserindo bigode e cavanhaque em seu retrato e assinando o trabalho com a inscrição “L.H.O.O.Q.”, que, pronunciada em francês, significa algo como “ela tem fogo no rabo”. Como essas intervenções mudam o significado das imagens originais?

A consciência das letras como imagem, sentido e som ao mesmo tempo esteve marcadamente presente na **poesia concreta** e **neoconcreta** brasileira, em que poemas visuais provocam curto-circuito entre forma e sentido das palavras. Letras também integraram uma série de pinturas e desenhos de Mira Schendel (1919-1988). Em composições abstratas, elas funcionavam como sinais gráficos, sem constituir qualquer mensagem verbal, ao lado de formas como círculos, quadrados e retângulos. Podemos enxergar uma letra exclusivamente como imagem, sem pensar em seus possíveis sentidos ou sua sonoridade? →

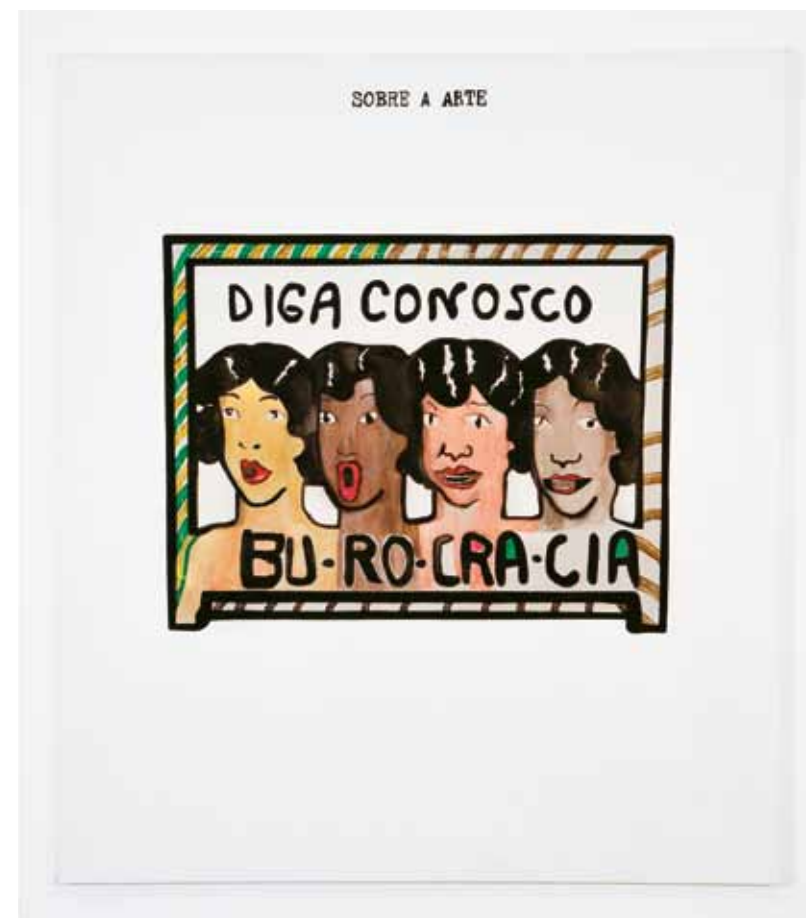
Quando a palavra
vira forma?

→ Segundo o crítico e curador Paulo Venancio Filho, “a palavra escrita teria que ter um lugar privilegiado nesse trabalho. Menos, por um lado, o significado da palavra que o impulso de escrever. Um quase escrever, rabiscar, garatujar, registrar. Mas, também em certos momentos em que aquele rabiscar gratuito e desinteressado explode, inflama, detona uma determinada palavra ou frase”.

Observe *Sem título* (1979), de Anna Bella Geiger. Como a forma com que as palavras estão escritas influi na leitura da imagem? Ao fazer referência ao repertório do livro didático e das cartilhas escolares, a artista une elementos textuais e imagéticos. A separação das sílabas e a letra de forma na palavra “bu-ro-cra-cia” propõem uma espécie de adestramento ideológico, enquanto as figuras representam uma imagem de hegemonia nacional. Ao subverter essa imagem de aspecto oficial, a artista problematiza a relação direta de equivalência entre imagem e texto, criando tensões entre essas duas instâncias que se ressignificam mutuamente. O pequeno texto na parte de cima, escrito com tipos (letras) monoespacejados, típicos de máquinas de escrever e fichas de catalogação, adiciona mais uma camada à leitura da imagem.

Você se lembra de outras obras nas quais o texto desempenha um papel fundamental? ■

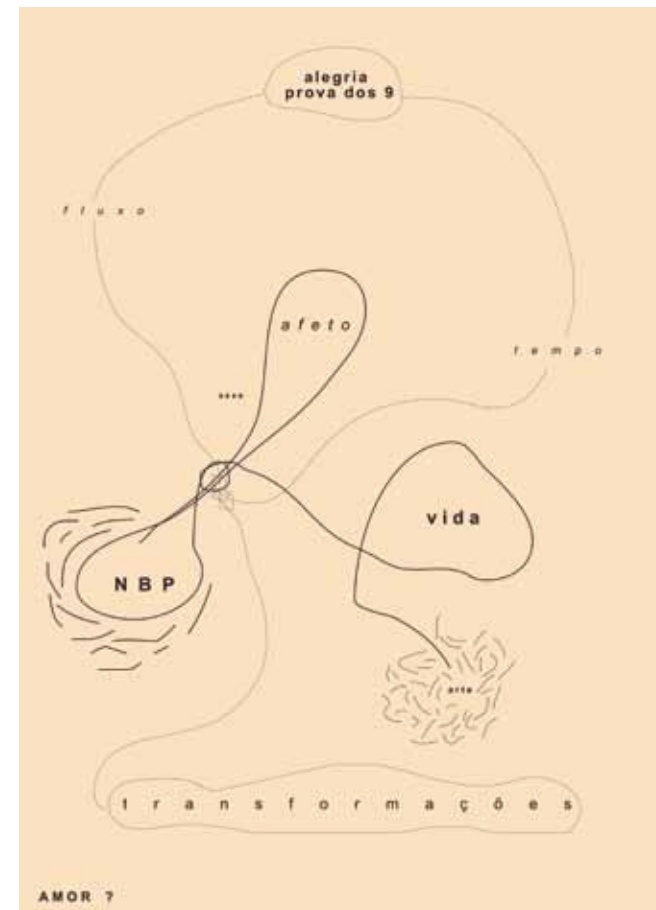
Anna Bella Geiger, *Sem título*, 1979. Acrílica sobre tela. 160 × 140 cm.



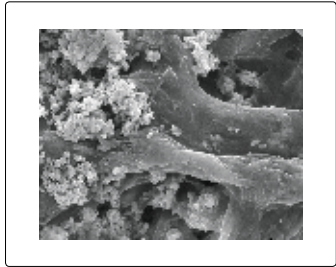
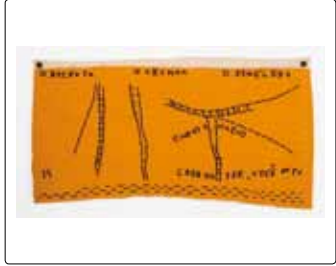
→ Na obra de Ricardo Basbaum, as palavras surgem associadas a linhas e formas, estruturadas em diagramas e organogramas, como pistas e indícios de um discurso. São mapas conceituais que convidam o espectador a fazer do espaço um lugar de encontro, de passagem, de descanso e de diálogo. As palavras são concretizadas em imagem, mas seu papel principal é o de motivar discursos que extrapolam a própria obra. Mais importante do que o que a obra nos diz é o que podemos falar sobre ela.

A própria noção de leitura de obra parte da premissa de que toda imagem, som, **performance**, instalação ou objeto pode ser lido de alguma forma. No entanto, é sempre um embate de quem lê, atravessado por suas referências, pelos códigos que domina e por seu ponto de vista, com o que é visto, sentido e entendido. ■

Ricardo Basbaum, *Diagrama*, 1994/2009. Da série: *Arte & Vida*. Vinil adesivo sobre fundo monocromático, 200 × 131 cm.



Como você lê o mundo?



TIPO... PALAVRAS QUE CONTAGIAM... TIPO... Pare para pensar: qual a palavra que você mais diz em seu dia a dia? Será que existe uma que você repete muitas vezes, talvez até sem perceber? As pessoas ao seu redor também usam essa expressão o tempo todo? Experimente passar um dia inteiro sem mencionar a tal palavra. Como foi? Fez alguma falha? Seus amigos perceberam que você estava falando diferente? Registre em um texto sua experiência e compartilhe com seus colegas.

LINGUAGENS DO MUNDO Quando se pensa em linguagem, logo se pensa em palavra, fala, escrita. Mas, o mundo é cheio de outras linguagens que não abrangem palavras. É o caso das linguagens das artes visuais. Você já pensou como os artistas se expressam? Como comunicam seus pensamentos, dúvidas e sentimentos? Será que tem algo que você tem vontade de contar para o mundo sem usar palavras? De que forma você faria isso? Escolha um meio de expressão e, quase como se desse dicas para alguém, transforme seu segredo em um trabalho de arte.

CONSTRUÇÃO SILENCIOSA Tudo que você precisa é de uma outra pessoa e duas tiras de papel de cerca de trinta centímetros de comprimento e dois centímetros de largura. Em silêncio total, cada pessoa deve pegar uma das tiras e criar, com seu pai, uma escultura. Nenhum tipo de comunicação com o outro pode ser usado: gestos, olhares, dicas, palavras ficam fora dessa ação. A ideia é que vocês consigam se entender sem nem um tipo de linguagem. Será que é possível? Compartilhem a experiência com o grupo em uma roda de conversa.

REPRESENTAÇÕES Em pequenos grupos, de no máximo cinco pessoas, escolham um objeto. Pode ser algo comum, do cotidiano, ou uma coisa especial. Será que é possível falar desse objeto sem usar palavras? Como poderiam descrevê-lo para outra pessoa? Escolham imagens que façam lembrar suas características, pesquem em sites e histórias que se relacionem com ele e decidam como podem ser representadas. Que outros objetos podem falar sobre esse objeto? Apresentem o objeto para o resto de classe utilizando o novo idioma inventado pelo grupo.

POESIA VOLANTE Uma palavra pode ter diferentes significados dependendo do contexto. Uma frase é composta por várias palavras que, quando unidas, significam algo novo. Toda vez que falamos, usamos palavras que fazem parte de nosso vocabulário para tentar expressar algo. Que tal misturar o seu com o das outras pessoas e experimentar uma criação coletiva de sentido? Em grupo, cada um escreve uma palavra na frente e outra no verso de uma folha. Depois, todos jogam as folhas para o ar juntos. Ao cair, as palavras formam uma poesia visual aleatória. Rearranjem as palavras para formar frases, criar poemas e subtítulos engraçados. Se sentirem falta de palavras, adicionem outras. As folhas podem ser jogadas novamente para criar infinitas combinações de significado. Registrem o resultado da ação, criando um livro.

SNTI - SINAIS-NÃO-TÃO-IDENTIFICADOS Passeie por sua escola ou bairro e anote todas as formas de comunicação que estão presentes em seu dia a dia e como elas se apresentam: sinais, cores, sons, gestos, expressões. Compartilhe com o grupo e registre-as com fotografias ou desenhos que as representem. A única regra é que palavras não podem ser usadas em seu registro!

quais as
linguagens
da arte?